

PARTÍCULAS DE REALIDADE EM ONDAS ELETROMAGNÉTICAS:
TRANSMISSÃO DE CULTURA PÓS-MODERNA AO(S) VIVO(S)

Ubiratan Machado Pinto (UFRJ)

1 INTRODUÇÃO

*Staying in the same place, just staying out the time.
Touching from a distance,
Further all the time¹.*

(“Transmission” – Joy Division)

A mídia em geral propicia diariamente o acúmulo de um volume incomensurável de informações no meio cibernético com a popularização da *internet* e desempenha um papel de crucial relevância no que se refere ao acompanhamento simultâneo e instantâneo dos acontecimentos que compõem a realidade. Essa talvez pareça ser menos real aos olhos de quem a vê acontecer através da vivência cotidiana do que a transmissão ao vivo de ondas sonoras ou de imagens capturadas por câmeras acerca de dados factuais que a engendram com o máximo de perfeição. Assim, a questão que se encaminha neste trabalho vai ao encontro do debate acerca da ruptura das dicotomias, discussão pela qual a Pós-Modernidade foi escamoteada por diversas perspectivas teóricas contra e favor dessa nomenclatura, colocando-se a indagação a respeito do problema de focalização da representação da realidade, do contemporâneo, da insensibilidade relacionada aos pontos de virada, mudança, ascensão ou de declive históricos relacionados à representação do real.

De acordo com a leitura de textos que não só sugerem uma visão de mundo pós-moderna, como também traçam o percurso da literatura segundo essa perspectiva teórico-interpretativa ao longo das últimas décadas do século XX, é importante destacar a evolução crítica de um conceito estético de difícil e complexa definição como é o termo Pós-Modernismo. Em consonância com tal problematização, sabe-se que analisar contribuições literárias segundo essa tendência teórica é estar a par de uma periodicidade cíclica que nos humaniza e estabelece aproximações culturais que nos constituem enquanto sujeitos com algo transcendental em comum, como sugere François Jost (1994, p. 345):

¹ A letra da canção pode ser conferida na íntegra neste link: <<http://goo.gl/mW5qNz>>.

A história cultural da humanidade apresenta a imagem clássica dos círculos concêntricos. Os primeiros são os da família e da tribo; segue-se o das nações, e o da humanidade tem que, necessariamente, incluir todos os outros. A literatura comparada é o resultado inevitável do desenvolvimento histórico geral.

Apontar os fatos históricos ocorridos ao longo de um tempo contemporâneo a nós é reforçar as ligações entre as mudanças culturais, as revoluções sociais, os processos nada pacíficos de independência de países colonizados, as manifestações de contestação da cultura dominante, pertinentes a esse período histórico que se desdobra a cada renovação de calendário anual, e corroborar com a ideia de uma cultura descentralizada e inauguradora de noções reelaboradas de história e de ficção. Criações ficcionais pós-modernas manobradas através de tais aspectos, por exemplo, podem ser conferidas sobretudo nas narrativas literárias de Borges e Gabriel García Márquez, cujas histórias fictícias apresentam mundos inconcebíveis e sobreposições densas de um imaginário de surpreendentes representações simbólicas que se concretizam na linguagem e colocam à deriva a realidade empírica.

O Pós-Modernismo apresenta uma concepção de natureza plurissignificativa devido ao fato de ser um entendimento que foi atravessado por pensamentos filosóficos e políticos de diversos teóricos e pensadores da época em que esse conceito passou a estar presente em discussões sobre literatura, sobre estética, sobre os rumos da história e sobre a condição humana do indivíduo que se transformou em discurso e matéria de linguagem literária, social, histórica, etc. Acrescenta-se à reflexão formulada acima considerações acerca da maneira como digerimos e/ou interpretamos tais questionamentos, a importância ou não de testemunharmos os incidentes, as ocorrências de interação entre pessoas, seja através de veículos de comunicação em massa, seja através de páginas impressas de jornal. No entanto, apresenta-se também a alternativa de ignorar totalmente tudo o que acontece, tudo o que é noticiado por canais midiáticos, o que poderia ser entendido simplesmente como uma postura alienante adotada por alguém que não quer saber de informação nenhuma. Conforme essa inclinação, “Transmission”, trecho de uma canção do ano de 1979, citada na epígrafe deste trabalho e escrita pelos integrantes de “Joy Division”, banda pós-punk inglesa, sinaliza o inconformismo de uma geração de artistas que faz experimentações musicais com instrumentos eletrônicos e que evidencia o desajuste com o seu contexto social para expressar a rebeldia e a sensação de desilusão existencial durante a época de grande recessão econômica

mundial em função da crise petrolífera² que atingia sobretudo a Inglaterra. Pode-se perceber que o petróleo sempre foi um dos fatores desencadeadores da tensão entre os hemisférios ocidental e oriental.

Talvez seja válido dizer ainda que a Pós-Modernidade, durante as décadas finais do século XX, apresenta um olhar interpretativo de mundo que reflete a realidade por intermédio de filtros e codificações teleguiadas, manejadas à distância por ondas radioelétricas, e pode ser interpretada atualmente como um fenômeno cultural global que se alastra por meio de tecnologia sofisticada, influenciando as relações humanas, as condições econômicas de diversos países, as disputas de poder político-ideológico e os duradouros conflitos entre Ocidente e Oriente.

2 DESENVOLVIMENTO DO TEMA

*O inexplicável horror
De saber que esta vida é verdadeira,
Que é uma cousa real, que é [como um] ser
Em todo o seu mistério [...]
Realmente real.*

(“Primeiro Fausto” – Fernando Pessoa)

A condição humana é um fator primordial para compreendermos o Pós-Modernismo. Se Fernando Pessoa instaura reflexões sobre a vida enquanto um mistério irreduzível, como indica o trecho do poema acima, deve-se considerar que a existência, percebida como “realmente real”, é tão relevante quanto a sua própria representação de viés figurativo, ficcional, e independe de qualquer aspecto que possa circunscrevê-la para fora de sua subjetiva importância. Mediante esses argumentos, pode-se citar o seguinte:

A questão da constituição da subjetividade por códigos, textos e imagens e outros artefatos culturais vem sendo cada vez mais levantada como uma questão histórica. [...] Não é certamente por acidente que as questões sobre subjetividade e autoria têm ressurgido com grande vigor no texto pós-moderno. Afinal, importa saber quem está falando ou escrevendo. (HUYSSSEN, p. 69)

Faladas ou escritas, as palavras e as reflexões que elas despertam não relegam ao desprezo o autor que as fala ou que as escreve. A subjetividade é convocada a fazer parte da história, está condicionalmente intrínseca ao texto, manifesta-se através de seus vocábulos,

² Conforme relatam registros históricos, a crise petrolífera nos anos 1970 desestabilizou países europeus e os EUA devido ao preço exorbitante do petróleo, promovido pelos produtores de países árabes, em constantes conflitos bélicos e ideológicos.

justifica-se pelo fato de que “a cultura pós-moderna usa e abusa das convenções do discurso” (HUTCHEON, 1991, p.15), legitimando os propósitos da criação ficcional pós-moderna: “questionar tanto a relação entre a história e a realidade quanto a relação entre a realidade e a linguagem” (idem, ibidem, p.34).

2.1 CRUZAMENTOS DE MUNDOS EM CENA

Segundo os propósitos argumentativos de Linda Hutcheon acerca da cultura pós-moderna, citados na página anterior, é possível fazer referência a uma produção cinematográfica intitulada “Os silêncios do palácio” (1994), da cineasta tunisiana Moufida Tlatli. Nessa película, uma cantora chamada Ali, filha ilegítima de uma serva e um príncipe, retorna ao palácio em que nasceu e relembra a sua vivência nesse lugar. Prestes a cometer um aborto, a personagem é totalmente emblemática não apenas no que diz respeito às circunstâncias históricas por que passaram a Tunísia, às contradições belicistas referentes ao processo de descolonização francesa que devastou esse país, como também está consciente da perpetuação da divisão de castas e do seu próprio desenvolvimento físico, passando de maneira traumática da adolescência a fase adulta. Além da trama principal, que ilustra em retrospectiva a trajetória de Ali, o filme retrata a coexistência de costumes islâmicos e ocidentais e o ambiente machista, brutalmente opressor, em que as mulheres tunisianas, servas dos príncipes do palácio, viviam.

Questionar a realidade, lançando luzes da sétima arte sobre a sua representação, é uma forma de apurar a perspectiva pós-moderna de retirar delimitações entre o que é fato histórico e o que é episódio ficcional. Mediante esse raciocínio, é fundamental esclarecer que o tempo objetivamente cronológico e supostamente pertinente a tais dados não se encaixa na construção da compreensão da história da Tunísia, referida no filme em questão. Trata-se de um tempo subjetivo (e múltiplo, variando de sujeito para sujeito), sem estar subordinada a eventos históricos isolados, visto que se vincula, através de muitos aspectos mostrados no filme, à conjuntura político-ideológica que atesta principalmente a luta dos tunisianos pela emancipação do país, mas apontando o quão violenta é a opressão às vozes femininas nesse território. Como declara o historiador Fernand Braudel (1978, p. 44), é preciso lidar com uma “noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor excepcional do tempo longo”, uma vez que estamos diante da “história das cem faces” (idem, ibidem, p. 44).

É importante reconhecer que a apreensão da mudança de mentalidade subjaz à extensa duração histórica porque não são as alterações factuais que estão em jogo no processo interpretativo da realidade em ampla escala temporal e, sim, aquilo que justifica a permanência de fatores circunstanciais históricos a respeito de um episódio verídico: “Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito de um desses tempos, é participar de todos” (idem *ibidem*, p. 72). Jacques Le Goff (1990) afirma que a história deve mover-se em sintonia com essas múltiplas temporalidades, o que José Carlos Reis (2000) ratifica, dizendo que são exatamente tais permanências que fornecem sentido aos eventos. Assistir à película “Os silêncios dos palácios” é, logo, aceitar também o convite de reconhecer essa possibilidade conjuntural de compreensão histórica.

Ainda que Moufida Tlatli apresente o ponto de vista de alguém de dentro da cultura que a representa em termos identitários, é possível também indicar uma perspectiva que entrelaça dilemas de identidade face a culturas diferentes. É o que se vê, por exemplo, no filme “Do outro lado” (2007), do cineasta Fatih Akin, alemão de descendência turca. Nesse enredo, observa-se a vida dos turcos que residem na Alemanha, recorrência evidente em narrativas fílmicas desse cineasta, os cruzamentos de histórias paralelas e o idílio conflituoso entre Ayten, uma ativista política turca refugiada na pátria germânica, e Lotte, uma universitária alemã que entra em conflito com a mãe por causa do envolvimento com essa militante. O que justamente é mais representativo nessa obra cinematográfica corresponde ao choque cultural que irrompe através das personagens, ambas entram em contato com uma cultura distinta das suas, uma vez que Lotte também viaja para a Turquia em determinado instante da trama para ver Ayten. Por intermédio de Fatih Akin, conferimos lados culturalmente opostos, ficamos a par de histórias de diferenças, que desmistificam o estereótipo do Oriente exótico, caracterizado como um espaço carregado de mistérios e opulências divinas. Mesmo que parte do território turco fique do lado ocidental, é o seu outro lado que historicamente move a imaginação das pessoas, visto que a língua, os costumes e o processo de construção da nação aludem a um imaginário geralmente concebido como enigmático por aqueles que nasceram e cresceram no Ocidente. Todavia, “Do outro lado” transpõe questões de rótulos e estereótipos, o cineasta apresenta uma realidade muito visceral e violenta. Em conformidade com esse argumento, vale mencionar o que Edward Said (1990, p. 35) comenta sobre a sua finalidade de problematizar semelhante impasse entre Ocidente e Oriente: “revelar a dialética entre o texto ou autor individual e a complexa formação coletiva

para a qual a sua obra é uma contribuição”. Said (idem, ibidem, p. 38) declara ainda: “Um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto”. Fatih Akin, ao invés de reforçar padrões estereotipados, aliando-se à dominação cultural, mostra os lados avessos de duas nações que também lhe identificam culturalmente. O teórico indiano Homi Bhabha (1998, p. 241) argumenta e elucida sobre alguns pontos que se referem ao debate de ideias promovido neste texto, estabelecido através dos filmes mencionados, dos personagens envolvidos por suas complexidades culturais, por códigos interditados e superados em prol de liberdade de expressão:

A cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como “meia-passagem” da escravidão e servidão, como “viagem para fora” da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo. A cultura é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por *cultura*, um assunto bastante complexo.

Ali e Ayten, protagonistas dos filmes “Os silêncios do palácio” e “Do outro lado”, respectivamente, são mulheres que se confrontam com a transnacionalidade (a primeira tinha ido para a França; a segunda, para a Alemanha) para driblarem a humilhação de estar em condição submissa em sua própria pátria, fomentando um posicionamento híbrido em outra nação, o que provoca rupturas epistemológicas na significação complexa daquilo que se entende como cultura.

Das telas do cinema para as telas dos noticiários, também se acompanha a resistência dos países que foram colonizados por nações europeias. A fúria recrudescer em territórios marcados pela opressão colonial, colocando-se à deriva as imposições de caráter linguístico: “One of the main feature of imperial oppression is control over language. The imperial education system installs a ‘standard’ version of the metropolitan language as the norm, and marginalizes all ‘variants’ as impurities” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1989, p. 7-8). Assim, a oposição pós-colonial retira suas forças da indignação de um povo massacrado pela exploração capitalista e forma-se enquanto “a theoretical resistance to the mystifying amnesia of the colonial aftermath. It is a disciplinary project devoted to the academic task of revisiting, remembering and, crucially, interrogating the colonial past” (GANDHI, 1998, p. 4). Vários países libertaram-se da colonização imposta a eles, mas um tipo de dominação política, ainda

mais nefasta, assombra mundos considerados inferiores até hoje. Peter Childs e Patrick Williams (1997, p. 6) também explicam: “[...] capitalism takes the point of production to the workers, as transnational corporations endlessly relocate factories to the zones of lowest-cost labour, such as Central America or the Pacific rim [...]”. Outra nação de forte influência hegemônica no mundo precisa ser mencionada: os Estados Unidos, um dos principais rivais do Oriente, senão o mais antagônico de todos. É por meio da mídia que testemunhamos as disputas por poder que envolvem a nação americana em explícito confronto bélico com diversos países orientais. Há inúmeros episódios que podem ser elencados para justificar essas constatações, a começar, talvez, pelo atentado terrorista do grupo fundamentalista islâmico Al-Qaeda contra as torres gêmeas, em onze de setembro de 2001. Sabe-se que a retaliação ao Afeganistão decorre desse acontecimento, a famosa legenda “guerra ao terror” ecoou por diversos meios de comunicação ao redor do mundo, de modo a sensibilizar a causa norte-americana.

Atualmente, continuam a propagarem-se no espaço das informações instantâneas ao alcance de nossas digitais no teclado de um computador, ressonâncias belicistas que dizem respeito à antiga rivalidade entre o governo dos Estados Unidos e os países de religião islâmica. Os jornalistas James Foley e Steven Sotloff, ambos norte-americanos, foram decapitados enquanto se fazia a filmagem das imagens da execução deles. Dessa vez, a autoria dessas mortes é do grupo “Estado Islâmico do Iraque e da Síria” (“ISIS” é a sigla em inglês para “Islamic State in Iraq and Syria”), um conjunto de ativistas muçulmanos que objetivam restaurar o sistema islâmico de governo e que ameaça, sumariamente, o país governado por Barack Obama. O aviso dos *jihadistas*, como a mídia ocidental os denomina, foi bastante agressivo: o vídeo publicado por eles e destinado aos estadunidenses, mostrando a decapitação dos jornalistas, espalhou-se com alta velocidade principalmente nas redes sociais, despertando um sinal de alerta no governo de Obama. As razões que fundamentam os ataques extremistas do grupo islâmico deve-se a guerra civil síria, iniciada em 2011, palco de rebelião interna no mundo árabe, através da qual os Estados Unidos e mais alguns países ocidentais praticamente realizaram intervenções militares em prol da Síria com a finalidade de combater o movimento islâmico.

Outra ocorrência que também repercutiu pela mídia internacional, foi a denúncia de espionagem feita pelo analista de sistemas norte-americano Edward Snowden, em junho 2013, que delata o sistema de vigilância global americana, da Agência Nacional de Segurança, por

realizar investigações secretas nos dados de milhões de pessoas que utilizam a *internet* e seus recursos. Mediante essas reflexões, pode-se retomar a indagação acerca da focalização da representação da realidade, de suas mais variadas facetas difundidas via ondas eletromagnéticas, da música que toca no rádio e particulariza o momento emocional de seu ouvinte, do filme que é colocado em cartaz e reelabora a interpretação da história de um povo, das refinadas ferramentas tecnológicas que nos colocam a par de violências seculares e escândalos de violação de privacidade.

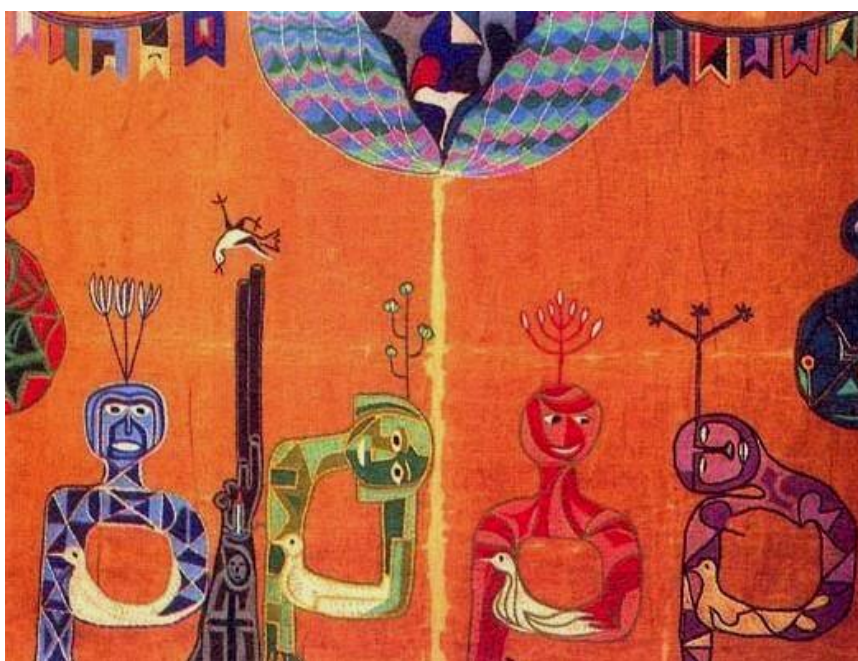
2.2 DISPERSÃO E HETEROGENEIDADE CULTURAIS

Ao redirecionarmos o olhar para o processo histórico da América Latina, instaurando-se novamente aqui um alentado expediente crítico, também percebemos que houve dominação, manipulação e brutalidade contra povos indígenas desde o período pré-colombiano em nome dos impérios europeus da Península Ibérica, como reflete o escritor uruguaio Eduardo Galeano (2011, p. 18).

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinados, do exterior, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo.

A perspectiva atual a respeito dessa região continental ainda pode ser traduzida, segundo as palavras de Amaryll Chanady (1994, p. 21), como “the perception of Latin America as a postcolonial, and therefore multicultural and hybrid, society”. São várias características étnicas, sociais e culturais que formam o mosaico vivo do contexto latino-americano. Segundo as palavras de Antonio Cornejo Polar (2003, p. 15) o latino-americano é um ser heterogêneo por natureza, uma vez que “el sujeto podría desparramarse por el mundo, nutriéndose de varios humus histórico-culturales, sin perder por eso su condición de tal. Un sujeto – otra vez – heterogêneo”. Se analisarmos somente pelo viés linguístico, o indivíduo que habita o solo da América Latina faz parte de um amplo espaço em que se falam diversas línguas indígenas e os idiomas português e espanhol, absorvido por linguagens distintas que dão forma a sua identidade cultural mesclada.

De acordo com aspectos políticos, sabe-se que o território multicultural passou por regimes ditatoriais no século XX que promoviam a homogeneização ideológica das nações, oprimindo-as e apagando seus traços culturais plurissignificativos. Movimentos de reações populares contra o totalitarismo ocorreram durante essa fase, a exemplo da luta ideológica da cantora Violeta Parra, cantora e compositora chilena, engajada com as causas revolucionárias de seu país. Em resposta à prisão de seu irmão, Violeta compõe a canção “La carta”³, em que manifesta o seu protesto: “Por suerte tengo guitarra,/ para llorar mí dolor,/ también tengo nueve hermanos,/ fuera de él que se engrilló,/ todos son comunistas,/ con el favor de mí Diós, sí”. Além das canções, a artista elaborou obras plásticas através das quais evidencia sua simpatia com os ideais comunistas, como sugere a imagem a seguir intitulada “Contra La Guerra”⁴, que fora exposta na França em 1964 no Museu do Louvre, conquistando reconhecimento internacional:



A obra de Violeta Parra reflete o colorido alegre de um povo em harmonia com a natureza e com as festividades populares, em profundo convívio pacífico, simbolizado pelo pássaro branco carregado no colo das figuras humanas representadas no desenho, mas em desalinho com a presença da morte corporificada pela fúnebre arma de fogo, com a espingarda destoando como uma intrusa do resto das cores que aludem à alegria.

³ Letra da canção disponível integralmente em: <<http://goo.gl/oQbqpi>>

⁴ Imagem retirada deste link: <<http://goo.gl/rQuIhW>>

O mundo latino-americano é uma extensão continental que abarca temporalidades desiguais, discursividades singulares, é um berço miscigenado de porta-vozes de artistas que observam com muita lucidez os paradoxos socioeconômicos. Em consonância com essas justificativas, a escritora chilena Ana Pizarro (1995, p. 29) imprime o seguinte diagnóstico: “Es la sintaxis de espacios y temporalidades a través de la cual la sociedad organiza su existencia, la que se hace discurso y dará el perfil a su desarrollo literario y cultural, en donde van a plasmarse los diversos tiempos que conforman el tiempo del continente”.

A noção de realidade em um território tão mesclado culturalmente como o nosso implica reformular a visão unívoca do real para levar em consideração as desigualdades sociais que fazem parte de nossa construção identitária. Como exemplo, cita-se a relação entre o homem e o rio que mostra o poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto (1999, p. 105-106). Calcada na observação acerca do meio ambiente, a problemática é essencialmente ambiental e social, pois rio e homem confundem-se no decorrer dos versos e são sinônimos de marginalização e pobreza, da interdição de sonhos e da presença da lama, o que sinaliza as condições sub-humanas do indivíduo. Rio e homem no poema expõem a fragilidade e a desvalorização por que passam sujeitos à margem da sociedade burguesa, relegados ao desprezo de um sistema capitalista explorador de prestação de serviços pagos com salários insatisfatórios e ao curso estreito de águas turvas como a realidade em que se encontram:

Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.
Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.

Não há nada mais espesso do que a própria vida e as suas vicissitudes. O poeta João Cabral de Melo Neto convida-nos a ver uma realidade apartada da possibilidade dos sonhos humanos pela ultrajante espessura imaginária de um rio, de uma fruta, de um corpo de

cachorro, de um tronco humano, de um sangue injuriantemente encorpado como o destino de muitos cidadãos depauperados por suas exaustivas rotinas de trabalho.

A Pós-Modernidade faz circular nos vasos sanguíneos latino-americanos eficientes mecanismos de desarticulação da cultura dominante, questionando e colocando à deriva valores positivistas e elitistas semeados em nosso solo enredado pelas antigas artimanhas coloniais. O que está em jogo é a ruptura de uma lógica totalizante, homogênea, que marginaliza ainda mais as vozes de determinados grupos sociais sujeitos à constante discriminação, apagando-as pela imposição de uma história oficial que omite tais segregações. Como sugere Luiz Costa Lima (1991, p. 129), resistir contra a dominação histórico-cultural por intermédio de discordâncias e desacordos ideológicos é promover a lógica da dispersão das antigas formas de pensar o indivíduo:

O incremento das racionalidades díspares, a decrepitude do *telos* do progresso, a necessidade de conceber uma razão que ultrapasse a sua versão unilateral e excludente, sobretudo o avanço da “sociedade administrada” impõem que se considere o trabalho em prol de uma lógica diversa: a orientada pelo princípio de dispersão. (LIMA, 1991, p.129)

Como também propõe Luiz Costa Lima (*idem*, *ibidem*, p. 132), é preciso “encarar a experiência do tempo atual como o da consciência do hiato entre as categorias analíticas herdadas de um passado ainda próximo e a urgência doutra configuração”. A reflexão passa a ser baseada segundo a ótica de mundo da Pós-Modernidade, isto, toda e qualquer discussão teórica, manifestação estética ou crítica literária alastra-se por meios virtuais e apresenta relevâncias políticas fundamentais para que se possa entender a nossa época.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabólicamará
Ê, volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará⁵*

(“Parabólicamará” – Gilberto Gil)

⁵ Letra disponível na íntegra neste link: <<http://goo.gl/oCGNou>>

“Parabolicamará”, canção de 1992, composta por Gilberto Gil, estabelece a simbiose entre o local e o global, destacando a reconfiguração de uma realidade multifacetada, filtrada através de ondas eletromagnéticas e multiplicada milhões de vezes como imagens reais em diversos aparelhos eletrônicos, cuja transmissão de acontecimentos, eventos históricos, episódios do cotidiano é acompanhada na sala de estar, transformada em *ágora* familiar.

O que também se evidencia nesse processo de interatividade pós-moderno é a visibilidade amplificada da diversidade cultural ou do multiculturalismo anteriormente abafado por policiamentos políticos intensivos contra qualquer atividade enquadrada como contracultural, isto é, oposta à cultura vigente. Portanto, redefine-se o contexto da sociedade: “Themes analyzed include the relations between Self and Other, selves and others, Subjects and subjects; between knowledge, power, pedagogy, politics, and empowerment” (GOLDBERG, 1994, p. 2). Com o fenômeno da globalização, teorizações diferenciadas sobre o multiculturalismo apresentam questionamentos importantes no que tange perceber com maior nitidez a resistência de comunidades face à soberania ocidental:

[...] globalization meant that the role that subcultures and the working class played in earlier cultural studies began to be replaced and transformed by communities outside the West or internal migrant (or ‘diasporic’) communities – in a move which involved new theoretical and political problems and intensities. (DURING, 1993, p. 17)

Stuart Hall (1997, p. 106) aponta-nos um raciocínio que revela a crise de identidade cultural frente à tradição e à hibridização que coexistem no solo de nações globalizadas. É o que o autor chama de “descentramento do Ocidente”, algo que pode ser tanto fruto da heterogeneidade identitária de determinadas comunidades quanto resultado de um processo que o próprio Ocidente promove.

A abordagem sobre questões pós-modernas é sobretudo uma forma de tratar de aspectos referentes à cultura descentralizada (através da qual justamente se mostra e valorizam-se perspectivas culturais à margem), à contrapelo da cultura dominante, à reelaboração da história e da ficção (registros factuais e criações literárias entrelaçam-se pela linguagem e produzem um efeito de sentido que tende a sugerir uma interpretação da realidade definível e definida conforme a ótica particular de cada um), ao sujeito enquanto discurso e matéria de linguagem ficcional (para articular a problematização da condição humana à sombra da realidade e à luz de um imaginário extraordinário), ao fenômeno cultural

global como a *internet* (que se manifesta por meio da mídia com mais notoriedade nos séculos XX e XXI, dos impasses político-ideológicos entre Ocidente e Oriente e das mais sofisticadas ferramentas tecnológicas, ou seja, os recursos virtuais de um amplo espaço cibernético, utilizados para propagar e/ou comunicar reações de resistência de determinados povos e até mesmo manifestações de ataque contra a postura de resistência desses). Espetáculo ao(s) vivo(s).

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literature*. Londres: Routledge, 1989.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CHANADY, Amaryll. *Latin American identity and constructions of difference*. Londres: University of Minnesota Press, 1994.

CHILDS, Peter; WILLIAMS, R. J. Patrick. *An Introduction to the Post-Colonial Theory*. Londres: Prentice Hall, 1997.

DO OUTRO LADO. Direção: Fatih Akin. Alemanha/ Turquia, 2007. The Match Factory; Strand Releasing. 122 min. Título original: “Auf der anderen Seite”.

DURING, Simon. *The cultural studies reader*. Londres: Routledge, 1993.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2011.

GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.

GIL, Gilberto. “Parabolicamará”. Disponível em: <<http://goo.gl/oCGNou>> Acessado em: 24 de novembro de 2014.

GOLDBERG, David Theo. *Multiculturalism: a critical reader*. Oxford: Blackwell, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSSSEN, Andreas. “Mapeando o pós-moderno”. Tradução de Carlos A. de C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

JOST, François. “Uma filosofia das letras”. In: COUTINHO, Eduardo F. CARVALHAL; Tania Franco (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio e Janeiro: Rocco, 1994.

JOY DIVISION. “Transmission”. Disponível em: <<http://goo.gl/mW5qNz>> Acessado em: 22 de novembro de 2014.

LE GOFF, Jacques. “A história nova”. In: _____ (org.). *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

NETO, João Cabral de Melo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

OS SILÊNCIOS DO PALÁCIO. Direção: Moufida Tlatli. França/Tunísia, 1994. Amorcez Diffusion; Capitol Entertainment. 127 min. Título original: “Les silences du palais”.

PARRA, Violeta. “La carta”. Disponível em: <<http://goo.gl/oQbqpi>> Acessado em: 24 de novembro de 2014.

PAZ, Octávio. Literatura de fundação. In: Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PESSOA, Fernando. “Primeiro Fausto”. In: *Poemas Dramáticos*. Lisboa: Ática, 1952.

PIZARRO, Ana. “Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales”. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1995.

POLAR, Antonio Cornejo. *Escribir em el aire: ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*. Lima: CELACP, 2003.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

IMAGENS

PARRA, Violeta. “Contra la guerra”. 1964. Bordado sobre arpileira, 144 x 192 cm. Disponível em: < <http://goo.gl/rQuIhW> > Acessado em: 23 de novembro de 2014.